



MULHERES SEDUTORAS, DAMAS RECATADAS: UM OLHAR SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA NO BAIXO MEDIEVO INGLÊS

Gabriela da Costa Cavalheiro¹

“Não há algo como (...) ‘uma atitude medieval a respeito das mulheres’”, afirmou Caroline Walker Bynum² ao articular elementos conceituais dos discursos medievais a respeito do(s) gênero(s). Para a autora, há possibilidades e papéis múltiplos compreendidos através dos saberes relacionados ao gênero, o que desmistifica a pretensão de que, no contexto medieval, haveria uma percepção monolítica dos papéis desempenhados pelas mulheres, por exemplo, percepção esta majoritariamente atribuída ao universo eclesiástico.³ Desse modo, corrobora Jacqueline Murray, a diversidade de interpretações a respeito do gênero também está presente entre escritos de natureza clerical, seja nos tratados acerca da fisiologia humana, baseados em Aristóteles e Galeno, seja nos escritos pastorais de Robert Grosseteste.⁴ A pluralidade de visões relacionadas ao gênero nos escritos medievais não é exclusividade de textos eclesiásticos, uma vez que as diversidades acerca daquelas percepções também podem ser observadas em estudos de textos de outras naturezas tipológicas, a saber, por exemplo, a literatura secular em seus mais diversos gêneros, seja no romance, nos *fabliaux*, nas canções de gesta, nas cantigas trovadorescas, nos contos (já em fins do século XIV) ou nos épicos. Tais textos muitas vezes trazem interpretações a respeito do gênero que muito pouco dialogam com os saberes dispersados pelos escritos eclesiásticos a eles contemporâneos, é o caso dos romances cortesês do medieval inglês dos séculos XII e XIII.

Destarte, no presente artigo, objetivamos não apenas promover algumas reflexões acerca das perspectivas de gênero comuns àquela literatura, disponibilizadas através da análise de duas narrativas – o *Romance of Horn* (cerca de 1170) e *King Horn* (cerca de 1220) – mas, sobretudo, compreender como gênero e sexualidade se articulam em torno da construção de duas personagens femininas presentes nas narrativas, respectivamente, Rigmel e Rymenhild. Desse modo, nossa proposta de análise tem por elemento central elencar subsídios que nos permitam analisar a

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista Capes. Email: gabriela_cavalheiro@yahoo.com.br

² “There is no such thing as (...) ‘the medieval attitude toward women’”. (In: BYNUM, Caroline W. *Fragmentation and Redemption. Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion*. Zone Books: Nova York, 2002, p. 17)

³ Cf. BYNUM, Caroline W. *Fragmentation and Redemption. Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion*. Idem.

⁴ Cf. MURRAY, Jacqueline. Thinking about gender: the diversity of medieval perspectives. In: CARPENTER, Jennifer et MACLEAN, Sally-Beth. *Power of the weak: studies on medieval women*. Illinois: Board of Trustees of the University of Illinois, 1995, p. 1-20



sexualidade feminina, isto é, uma sexualidade genderizada, conforme (re)elaborada nas/pelas narrativas, e estabelecer, por fim, conexões entre suas (re)significações discursivas e aspectos relacionados às práticas sociais vinculadas à aristocracia insular.

As últimas duas décadas do século XX testemunharam o aumento significativo dos estudos acerca da sexualidade em perspectiva histórica.⁵ Centros de estudos medievais possuem, na atualidade, variadas linhas de pesquisa e cada vez mais se tem observado a especialização de pesquisadores sobre o tema, a saber, por exemplo, as historiadoras Ruth Mazo Karras,⁶ Jacqueline Murray,⁷ e, no meio acadêmico brasileiro, a historiadora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva,⁸ que tem mostrado interesse em estudos acerca da sexualidade no contexto medieval. No entanto, essa tendência temática parece ainda imperar em território norte americano e canadense, não apenas em trabalhos historiográficos, mas também em outras áreas, como nos estudos literários, conforme nos mostram as publicações de James A. Schultz.⁹

Segundo Jeffrey Weeks, há duas perspectivas distintas que permeiam os estudos históricos da sexualidade, a saber, o construtivismo social e o essencialismo.¹⁰ Os estudos que seguem a linha construtivista social afirmam que a sexualidade e as práticas sexuais são variáveis e diversas, que possuem, portanto, relações intrínsecas com o contexto cultural onde são originadas e que não respondem, desse modo, a um instinto humano imutável, trans-histórico. Por outro lado, o essencialismo defende a existência de uma força biológica, natural, que dá impulso à sexualidade e às práticas sexuais, que, por sua vez, são contidas e disciplinadas por determinada matriz cultural.¹¹ Nossa perspectiva, que segue em consonância com as prerrogativas de Karras e Murray, prevê a

⁵ Jacqueline Murray traz um panorama da produção acadêmica norte-americana, canadense e européia, acerca da referida temática na introdução à coletânea de artigos *Desire and Discipline. Sex and Sexuality in Premodern West* (Londres, Toronto: University of Toronto Press, 1996, páginas ix-xxviii), organizada por ela e por Konrad Eisenbichler. Contudo, como a obra tem data de publicação de meados dos anos 1990, referendamos que mais materiais já foram produzidos desde então.

⁶ Universidade de Minnesota. KARRAS, Ruth M. *Sexuality in medieval Europe. Doing onto others*. Nova York: Routledge, 2005; uma das editoras do periódico internacional *Gender & History*.

⁷ Universidade de Guelph. MURRAY, Jacqueline. Gendered souls in sexed bodies: the male construction of sexuality in some medieval confessors' manuals. In: BILLER, Peter et MINNIS, A. J (org.). *Handling Sin: Confession in the Middle Ages*. York: Boydell & Brewer, 1998, 79-93

⁸ Universidade Federal do Rio de Janeiro. SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (org.). Reflexões sobre santidade, gênero e sexualidade nos textos berceanos. In: _____. *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. Rio de Janeiro: HP Comunicações Editora, 2008, v. 1. p. 46

⁹ Universidade da Califórnia. SCHULTZ, James A. *Courtly Love, the love of courtliness and the History of Sexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 2006

¹⁰ Cf. WEEKS, Jeffrey. The invention of Sexuality. In: _____. *Sexuality. Second Edition*. Nova York: Routledge, 2003. p. 11-35. Ruth Mazo Karras também discute essas duas tendências em sua obra *Sexuality in medieval Europe. Doing onto others*. op. cit., p. 1-27

¹¹ Cf. WEEKS, Jeffrey. Idem. Um exemplo de obra que segue a perspectiva essencialista é o trabalho do medievalista John Boswell, *Christianity, Social Intolerance and Homosexuality: gay people in Western Europe from the beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*. Chicago: Chicago University Press, 1980



historicidade das expressões da sexualidade, uma vez que esta se materializa discursivamente em variadas formas e significantes, o que nos permite acioná-la em diferentes tempos e espaços, ao passo que os próprios discursos inserem-se, de maneira não generalizante, em contextos também específicos. Isto posto, compreendemos que a sexualidade envolve, primeiramente, a esfera do(s) prazer(es) sensual(is) – dos sentidos – e dos desejos que cada indivíduo contempla, de maneiras diversas, em sua própria experiência como sujeito ator e/ou receptor em uma dinâmica de práticas sexuais individuais e/ou coletivas.¹² Não obstante, devemos atentar para o universo cultural em que esses discursos são originados, bem como as interpretações desse universo que por eles são elencadas. Ademais, a sexualidade coaduna não apenas com as práticas sexuais relacionadas diretamente com a cópula ou o ato da penetração,¹³ mas também com toda uma variedade de estímulos e sensações que buscam a satisfação dos anseios e prazeres sensuais de cada indivíduo.

Ademais, ao pensarmos a sexualidade desse modo, pressupomos que as suas expressões se dão de forma genderizada, isto é, os discursos relativos à sexualidade irão diferir de cultura para cultura, assim como as visões sobre as diferenças sexuais, o gênero, também irão variar. Abordagens da categoria gênero em perspectiva histórica tem se tornado um aporte teórico constantemente revisitado por pesquisadores brasileiros. No entanto, seus usos acabam por se tornar pouco claros e dispersos, uma vez que ainda não há clareza e consenso entre os teóricos a respeito de um conceito único de gênero,¹⁴ o que pode ser atribuído ao fato dessa categoria não possuir “essência fixada”, variando “tanto dentro do tempo quanto além dele”.¹⁵ Asseveramos, portanto, a importância de delimitar as arestas teóricas dessa perspectiva, pois, assim, além de posicionarmos nosso trabalho com maior acuidade dentro de uma linha teórica especificada, estaremos colaborando, a nosso ver, com os debates em torno das inúmeras leituras dessa categoria. Compreendemos o gênero, dentro da perspectiva pós-estruturalista, como o(s) saber(es) sobre a diferença sexual, como afirma Joan Scott (Cf. SCOTT, 1994: 12),¹⁶ elaborados através de todo um sistema discursivo e de representação, ou seja, ao pensarmos o gênero, devemos ter em mente também os mecanismos de produção daqueles saberes bem como suas materializações. Logo, o gênero constrói-se no seio das diferentes culturas que empregam suas próprias leituras àquela

¹² Cf. GARTON, Stephen. *História da Sexualidade. Da Antiguidade à Revolução Sexual*. Lisboa: Editorial Estampa, 2009. p. 12

¹³ Cf. WEEKS, Jeffrey. *The invention of Sexuality*. op. cit. p. 13

¹⁴ Cf. PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: *História*. V. 24, n. 1, 2005. p. 77-8; Cf. SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o paradigma pós-moderno e os estudos históricos de gênero. In: *Brathair* 8 (2), 2008. p. 76

¹⁵ FLAX, Jane. Pós-Modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (org.) *Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 221

¹⁶ Cf. SCOTT, Joan. Prefácio a *Gender and the Politics of History*. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 03, p. 11-27, 1994



diferença biológica, em nossa análise, não mais percebida como dado natural. Assim sendo, o gênero “é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e (...) é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.¹⁷ Constitui-se, ainda, como “fenômeno inconstante e contextual (...) [e] não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes”, como ressalta Judith Butler.¹⁸ Revistas estas questões, voltemo-nos aos textos a serem analisados no presente artigo para, então, discutirmos como, nessas narrativas, são (re)elaboradas as expressões da sexualidade feminina.

Ambos os romances selecionados tratam da trajetória caval(h)eiresca do príncipe Horn, como parte de seu amadurecimento e inserção no universo cortês. Situadas em espaços temporais diferentes, o *Romance of Horn* surge como o primeiro manuscrito a tratar da história de Horn, sendo sua autoria de um certo poeta chamado Thomas, do qual pouco sabemos.¹⁹ Composto em anglo-normando²⁰ por volta de 1170, o romance estende-se por 5240 *laissez*²¹ e sobrevive em três manuscritos, a saber, “O” *Bodleian Library, Douce 132*; “C” *Cambridge University Library Ff.6.17* e “H” *British Library Harleian 527*, todos do século XII.²² A presença de longos diálogos, de descrições minuciosas dos protagonistas, bem como das ações, dos espaços, das demais personagens e dos rituais cortesões, são aspectos que empregam ao romance uma riqueza

¹⁷ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, número 2, julho/dezembro de 1990, p. 14

¹⁸ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 29

¹⁹ WEISS, Judith. Thomas and the Earl: literary and historical contexts for the *Romance of Horn*. In: FIELD, Rosalind (org.) *Tradition and transformation in medieval romance*. Londres: Boydell & Brewer, 1999, p. 1

²⁰ O contato do antigo inglês, língua dos anglo-saxões, com o franco-normando, dialeto do antigo francês falado pelos invasores continentais da Normandia, gerou o que os lingüistas denominaram anglo-normando, uma mistura de ambos os idiomas. No entanto, em meados do século XIII, o inglês volta a dar sinais de vigor ao aparecer em documentos escritos de diversas naturezas, como textos jurídicos, testamentários, notariais e em romances seculares, como *King Horn*. Esse inglês, convencionalmente denominado inglês médio [*Middle English*], perpetua-se em manuscritos durante todo o século XIII ao passo que o anglo-normando decai gradativamente. Adiante, no século XIV, o inglês médio já estará estabelecido como língua de prestígio no território insular, ficando atrás apenas do latim, especialmente em centros monásticos (Cf. BURROW, J. A. *Medieval writers and their work – Middle English Literature 1100-1500*. Londres: Oxford University Press, 2008, p. 1-57).

²¹ *Laisse* é a nomenclatura utilizada para definir um tipo de verso, de métrica variável, comum em narrativas em antigo francês dos séculos XII e XIII, isto é, nas canções de gesta e também nos romances. Contudo, tal verso adentra a produção literária insular através dos poetas anglo-normandos que também o utilizam na composição dos primeiros romances insulares do século XII. (In: WEISS, Judith. *The birth of romance: an anthology. Four twelfth-century Anglo-Norman romances*. Tradução, introdução e notas por Judith Weiss. Londres: The Guernsey Press, 1992. p. xiv)

²² Utilizamos uma tradução do texto para o inglês moderno, em edição crítica, sob autoria de Judith Weiss, em WEISS, Judith. *The birth of romance: an anthology. Four twelfth-century Anglo-Norman romances*. op. cit., e a versão em anglo-normando, também em edição crítica, utilizada por Weiss em sua tradução, a saber POPE, Mildred K. *The romance of Horn, by Thomas*. Texto, introdução crítica e notas por Mildred K. Pope. Oxford: Blackwell, 1955.



constantemente acentuada por críticos dessa literatura.²³ Estruturação narrativa semelhante ocorre em *King Horn*, porém de forma menos extensa e, poderíamos aferir, mais cênica, devido ao dinamismo dos episódios narrativos e da ausência de maiores preocupações descritivas. Tendo seu texto compilado em inglês médio por volta de 1220, de autoria anônima, o romance faz uma (re)leitura da narrativa anglo-normanda em seus 1545 versos, conservados também em três manuscritos, *Cambridge University MS (Gg.4.27.2)*, *British Library MS Harley 2253* e *Bodleian Library MS Laud Misc. 108*, datados do século XIII.²⁴ Será, contudo, nas figuras específicas de Horn e Rigmel, no *Romance of Horn*, e Horn e Rymenhild, em *King Horn*, que o autor²⁵ esboçará maior preocupação em demarcar seus corpos e atuações, e, conforme veremos adiante, as expressões da sexualidade feminina.²⁶

Nos romances, não há referência lexical direta à sexualidade, isto é, não existe um vocábulo específico que corresponda a esse termo, palavra que somente aparecerá como tal em meados do século XIX.²⁷ Há, contudo, inúmeras construções metafóricas relacionadas à sexualidade, que são passíveis de interpretação e que fazem alusão aos saberes sobre essa temática naquele contexto específico de produção dos textos. Destarte, possuir [*aver*, RH, l. 705], desejar (para obter prazer) [*aver a talent*, RH, l. 842; *wille*, KH, v. 369], excitar, inflamar [*atisant*, RH, l. 987], ter prazer [*luste*, KH, v. 410] são alguns dos predicativos direcionados às princesas Rigmel e Rymenhild.²⁸ Não se tratam de características recorrentes em romances medievais como um todo, isto é, *topoi* de

²³ Cf. ASHE, Laura. *Fiction and History in England, 1066-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 146; Cf. WEISS, Judith. *The birth of romance: an anthology. Four twelfth-century Anglo-Norman romances*. op. cit. p. x-xiii.

²⁴ Adotamos a versão do texto em inglês médio, na edição crítica de HERZMAN, Ronald B.; DRAKE, Graham et SALISBURY, Eve. *Four Romances of England – King Horn, Havelok the Dane, Bevis of Hampton, Athelston*. Michigan: Medieval Institute Publications (TEAMS), 1999. É importante mencionar que contaremos, ainda, com a tradução de *King Horn* para o português, de nossa autoria, disponível em CAVALHEIRO, G. C. *King Horn: um romance inglês ducentista*. In: *Mirabilia – revista eletrônica de História Antiga e Medieval*, Volume 7, dezembro de 2007, p. 182-204. http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num7/numero7_12.html. Capturada em 16 de julho de 2008.

²⁵ Cientes das problemáticas relacionadas à questão da autoria no contexto medieval, não tomamos, desse modo, o significado do termo autor como “o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”. (In: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 26.)

²⁶ Utilizaremos, nas citações de versos dos romances, as siglas, RH, quando o trecho pertencer ao *Romance of Horn*, e KH, para *King Horn*.

²⁷ Para uma discussão acerca das origens filológicas do termo sexualidade e de sua inserção no campo das Ciências Humanas, ver RUNKEL, Gunter. *The development of Sexuality and Love*. Palestra ministrada em 21 de junho de 2002 no “15th DGSS Congress on Social Scientific Sexuality Research – Sexualities in the Third Millennium: recent developments in Sexuality research.” In: *Arbeitsbericht Nr. 266*. Lüneburg: Universität Lüneburg, 2002.

²⁸ Utilizamos os seguintes dicionários para consulta em nossa análise: *The Anglo-Norman Dictionary* (AND1 e AND2), versão digitalizada pelo *Arts and Humanities Research Council*, Reino Unido, 2000-2009. Disponível em <www.anglo-norman.net>, acessado em 12 e 14 de junho de 2010; BRADLEY, Henry. *A Middle English Dictionary. Words used by English writers from the twelfth to the fifteenth century*. Nova York, Londres: Oxford University Press, 1963.



um gênero literário bastante popular entre os séculos XII e XIII. A marcação acentuada desses vocábulos na construção textual de ambas as figuras demarca alguns saberes específicos, os saberes sobre um feminino que, por sua vez, irão compor a figuração narrativa das expressões de uma sexualidade também genderizada. Não excluimos, contudo, o fato de que os “autores medievais escreviam segundo convenções”,²⁹ e reconhecemos que algumas expressões, especialmente no que tange à caracterização física das personagens femininas – como a mais bela,³⁰ por exemplo – serão recorrentes em diversas narrativas medievais, portanto, não exclusivos da estruturação dos romances.

Rigmel e Rymenhild são caracterizadas como mulheres inteligentes e perspicazes, que utilizam diversos meios para satisfazerem seus desejos, elas são nobres e sedutoras, são as “*wooing women*” como as denominou Judith Weiss.³¹ Os vocábulos utilizados na descrição da sexualidade das damas elencam elementos de natureza sensual, isto é, envolvem a esfera dos sentidos, do prazer disponibilizado pela incitação dos sentidos, o que ocorre também nos momentos de frustração e de não concretização desses desejos. Assim, o desejo inflamado de obterem o objeto amoroso é ressaltado continuamente não somente em suas falas, conforme os versos “quanto mais o elogia, mais me excita”³² (RH, l. 987) e “Horn (...) por muito tempo tenho te amado. (...) Me toma como tua esposa e seja meu senhor” (KH, v. 307-8, 311-12),³³ mas também através das palavras de outros personagens, como Herselot, aia de Rigmel, nos versos “Estarás bem arranjada se tiveres aquele que desejas”³⁴ (RH, l. 842) e na voz do senescal Athelbrus, ao recomendar a Horn, “Para conversar com Rymenhild, em segredo, para saber sobre seus desejos”³⁵ (KH, v. 291-92). Os anseios e impulsos sensuais, postos nas narrativas de forma violenta e intensa, como paixões e enfermidades que levam as personagens ao delírio e à loucura, são descritos, muitas vezes, de forma patológica, em especial quando ambas não os concretizam, conforme os versos, “ela quase enlouqueceu”³⁶ (RH, l. 872); “pois ela começara a apresentar uma melancolia e a mensagem dizia que a dama padecia de uma doença”³⁷ (KH, v. 274-76). Essas manifestações discursivas também estão relacionadas a saberes a respeito do corpo feminino bastante comuns no contexto medieval, que atribuem à sua

²⁹ “medieval writers wrote within convention” (In: JOHNS, Susan. M. *Noblewomen, aristocracy and power in the twelfth-century anglo-norman realm*. New York: Manchester University Press, 2003. p. 14)

³⁰ “*La bele Rigmel*”, RH, l. 557, e “*Rymenhild the bryghte*”, KH, v. 386.

³¹ Cf. WEISS, Judith. The wooing woman in Anglo-Norman romance. In: FELLOWS, Jennifer; MEALE, Carol et MILLS, Maldwyn. *Romance in Medieval England*. Cambridge: D.S. Brewer, 1991. p. 149-161

³² “*Cum plus le loëras e plus m’iert atisant*”.

³³ “*Horn (...) wel longe / ich hadde thee luvud strong (...) me to spuse hold / and ich thee lord wolde*”.

³⁴ “*Pur çoe qu’avrez icel ki vus iert a talent*”.

³⁵ “*To speke with Rymenhild stille / and witen hure wille*”.

³⁶ “*Pur poi qu’el n’est desvéé*”.

³⁷ “*For heo gan to lure / and the sonde seide / that sik lai that maide*”



materialidade corpórea um aspecto mais sensível aos humores, isto é, às mudanças de temperamento, devido ao seu caráter mais úmido e frio.³⁸

Em ambas as narrativas, existe uma personagem que surge como intermediadora entre os impulsos das damas e sua real concretização em atos, trata-se do senescal, Herland, no *Romance of Horn*, e Athelbrus, em *King Horn*. A importância do senescal como figura ativa nas dinâmicas das relações de poder feminino não se dá apenas nos romances selecionados em nossa análise, mas também em outras narrativas insulares, como *Amis and Amiloun* e *Bevis of Hampton*, por exemplo. Trata-se de um cargo ocupado por nobres de alta linhagem que, no contexto insular, adquiriu um *status* muito importante para a configuração das dinâmicas de sociabilidade aristocráticas, pois o senescal não apenas era responsável pela administração dos *households*, servindo diretamente ao rei e à sua família, mas também cabia a ele a educação dos jovens cortesãos, fossem eles de ambos os sexos.³⁹ Assim, Herland e Athelbrus chamam para si a responsabilidade de portarem os interesses dos monarcas, pais das princesas, através de falas como “Ela é filha do rei, meu senhor de juramento: se isso não for feito segundo ele (...) eu serei acusado pelo meu rei de deslealdade e serei mal visto por toda a corte para todo o sempre” (RH, l. 666-7, 668a-9)⁴⁰ e “Aylmar, o bom rei, o deixou [Horn] sob meus cuidados. Se Horn estivesse aqui, eu suspeitaria seriamente de que, com ele, a senhora teria o prazer e ambos, juntos, jogariam. Então, sem dúvida, conosco o rei ficaria furioso” (KH, v. 345- 352).⁴¹ Os trechos selecionados referem-se ao momento em que os senescais descobrem as reais intenções das princesas, isto é, ambas desejam que Horn vá até seus quartos, pois a ele almejam declarar seu amor. Embora nos referidos versos haja uma diferença sutil no tom da fala de ambos senescais, tanto Herland quanto Athelbrus anunciam que sua responsabilidade não é apenas defender os interesses dos reis, que, no caso, se referem diretamente à sexualidade das damas, mas também atender aos pedidos delas, os quais são concedidos através do exercício de um poder que ambas detêm, e do qual os romances dão conta. Rigmel e Rymenhild interferem nas ações dos senescais impondo suas vontades – para concretizar seus anseios sensuais – ou seja, exercendo um poder através de negociações geridas por barganhas, como o pagamento de favores com ouro, cálices e anéis, conforme mostram os versos “assim ela [Rigmel] acreditou ser possível

³⁸ Cf. CADDEN, Joan. *Meanings of sex difference in the middle ages. Medicine, science, and culture*. New York: Cambridge University Press, 1995, p.169-187

³⁹ Cf. BURGTORF, Jochen. Administration, provisions and finances: seneschal, preceptor and treasurer. In: _____. *The central convent of Hospitallers and Templars. History, organization and personell*. (1099-1120, 1310). Leiden, Boston: Brill, 2008, p. 248-291

⁴⁰ “Ele est fille le rei, mun seignur avué / si çoe ne fust par lui (...) de mun seignur, le rei, en serreië reté / ke j’em avreië fait vers lui desleauté / si.n serrai em la curt a tuz jorz mal note”

⁴¹ “Aylmar the gode kyng, dude him on mi lokyng / yef Horn were her abute sore I me dute with him ye wolden pleie bitwex you selve tweie / thanne scholde withuten othe the kyng maken us wrothe”.



satisfazer seu desejo. Primeiro ela deu a Herland um enorme anel, de puro ouro refinado” (RH, l. 559-560)⁴² e “dê a ele [o senescal] essa taça e também esse anel” (KH, v. 453-4)⁴³. Entretanto, uma vez negados seus pedidos, os senescais são ameaçados pelas princesas através de vozes enfurecidas, sob juras de punição severa, inclusive o exílio e a morte, “eu o mandarei ser destroçado, arrastado pelos cavalos” (RH, l. 882)⁴⁴ e “Saia daqui, seu ladrão doentio (...) Saia da minha câmara e que a má fortuna o acompanhe” (KH, v. 327, 329-30)⁴⁵. Será através do exercício desse poder feminino, que Rigmel e Rymenhild irão concretizar seus desejos sexuais.

Por fim, não há um caráter moralizante e de punição sobre as personagens femininas quando há a realização do ato sexual. Aquele que paga por ultrapassar os limites impostos pelos interesses dos monarcas – interesses esses relacionados à proteção dos corpos femininos (sua virgindade) e, por conseqüência, da honra de toda uma linhagem – é Horn, que é expulso do reino. Ao contrário do que anunciavam os discursos de natureza eclesiástica, que prendiam, de maneira geral, a esfera dos desejos femininos ao pecado da concupiscência, não há qualquer menção de castigos às princesas. Um elemento que pode auxiliar na compreensão dessa construção discursiva é a questão da atividade/passividade, no que tange aos saberes relacionados à sexualidade então vista como genderizada. Um dos aspectos apontados por Ruth Mazo Karras é o fato de que, no contexto medieval, o sexo era concebido como algo que se fazia para o outro [*onto other*] e não com o outro,⁴⁶ de modo que, nas construções da sexualidade feminina, conforme dispostas nos romances, essa concepção de sexo torna-se evidente. Primeiramente porque o diálogo (seja o verbal, seja o dos gestos, quando há o toque dos corpos) é o principal meio através do qual a sexualidade se expressa, principalmente nas falas das personagens femininas. Em segundo lugar, porque a culpa recai sobre o masculino, como, por exemplo, quando Horn é pego sob as cobertas de Rymenhild, abraçado a ela (KH, v. 709-10).⁴⁷ Destarte, a punição se dá sobre o ativo, aquele que, em termos sexuais, penetra, no caso o masculino, e que não é isento de sua culpa pelo fato de que quem o seduz e o persuade ativamente com relação aos anseios sexuais é o feminino, isto é, ambas as damas, as “*wooing women*”.

⁴² “A itant s’esjoist mut la bele Rigmel, bien quida par itaunt espleiter sun avel / Al premier ad doné a Herland um anel, Gros d’or quit melekin”.

⁴³ “Have her this cuppe / and this ryng ther uppe”.

⁴⁴ “Tut l’en ferai detraire a coës de cheval”. Amarrava-se cada membro da pessoa, pernas e braços, à cauda de um cavalo e mandava-se que os animais andassem, fazendo tração, o que deslocava os membros e levava a pessoa à morte.

⁴⁵ “Hennes thu go, thu fule theof. (...) Went ut of my bur, with muchel mesaventur”.

⁴⁶ Cf. KARRAS, Ruth M. *Sexuality in medieval Europe. Doing onto others*. op. cit. p. 3

⁴⁷ “*in arme on Rymenhild barme*”.



Podemos concluir, então, que a sexualidade feminina, conforme construída nas/pelas narrativas, está diretamente vinculada ao gênero, uma vez que elementos constitutivos dos saberes sobre as diferenças sexuais no contexto medieval, como atividade/passividade, por exemplo, irão elencar as expressões daquela sexualidade genderizada, como demonstramos em nossa análise. Ademais, os dispositivos de controle da sexualidade feminina, assim como as possibilidades de exercício de um poder feminino, relacionam-se com aspectos pertencentes ao contexto de produção dos romances, isto é, o universo cultural da aristocrática insular. É o caso da figura do senescal, cuja atuação no enredo dos romances somente é passível de compreensão uma vez acionado o contexto de sua participação nas práticas sociais aristocráticas. Como resultado, observamos uma (re)elaboração das expressões da sexualidade feminina que se constrói de forma dinâmica e contextual e que, de maneira alguma, poderia ser compreendida a partir de um olhar generalizante e trans-histórico, o que justifica, por fim, nossa opção teórica pelas abordagens disponibilizadas pelos Estudos de Gênero e pela História da Sexualidade.

Bibliografia

- ASHE, Laura. *Fiction and History in England, 1066-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007
- BURGTORF, Jochen. Administration, provisions and finances: seneschal, preceptor and treasurer. In: _____. *The central convent of Hospitallers and Templars. History, organization and personell. (1099-1120, 1310)*. Leiden, Boston: Brill, 2008, p. 248-291
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008
- BYNUM, Caroline W. *Fragmentation and Redemption. Essays on Gender and the Human Body in Medieval Religion*. Zone Books: Nova York, 2002
- CADDEN, Joan. *Meanings of sex difference in the middle ages. Medicine, science, and culture*. New York: Cambridge University Press, 1995,
- CAVALHEIRO, G. C. *King Horn: um romance inglês ducentista*. In: *Mirabilia – revista eletrônica de História Antiga e Medieval*, Volume 7, dezembro de 2007, p. 182-204.< http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num7/numero7_12.html .> Capturado em 16 de julho de 2008.
- FLAX, Jane. Pós-Modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (org.) *Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 217-250
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009



- GARTON, Stephen. *História da Sexualidade. Da Antigüidade à Revolução Sexual*. Lisboa: Editorial Estampa, 2009
- HERZMAN, Ronald B.; DRAKE, Graham et SALISBURY, Eve. *Four Romances of England – King Horn, Havelok the Dane, Bevis of Hampton, Athelston*. Michigan: Medieval Institute Publications (TEAMS), 1999
- JOHNS, Susan. M. *Noblewomen, aristocracy and power in the twelfth-century anglo-norman realm*. New York: Manchester University Press, 2003
- KARRAS, Ruth M. *Sexuality in medieval Europe. Doing onto others*. Nova York: Routledge, 2005
- MURRAY, Jacqueline. Thinking about gender: the diversity of medieval perspectives. In: CARPENTER, Jennifer et MACLEAN, Sally-Beth. *Power of the weak: studies on medieval women*. Illinois: Board of Trustees of the University of Illinois, 1995, p. 1-20
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. In: *História*. V. 24, n. 1, 2005, p. 77-98
- POPE, Mildred K. *The romance of Horn, by Thomas*. Texto, introdução crítica e notas por Mildred K. Pope. Oxford: Blackwell, 1955
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, número 2, julho/dezembro de 1990, p. 5-22
- _____. Prefácio a Gender and the Politics of History. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 03, 1994, p. 11-27
- SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o paradigma pós-moderno e os estudos históricos de gênero. In: *Brathair* 8 (2), 2008. p. 75-84
- WEEKS, Jeffrey. The invention of Sexuality. In: _____. *Sexuality. Second Edition*. Nova York: Routledge, 2003. p. 11-35.
- WEISS, Judith. The wooing woman in Anglo-Norman romance. In: FELLOWS, Jennifer; MEALE, Carol et MILLS, Maldwyn. *Romance in Medieval England*. Cambridge: D.S. Brewer, 1991. p. 149-161